De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

O lazer na cidade de São Paulo: a experiência do Parque Shanghai (1937-1968)

HENNAN GESSI*

Questionada as impressões do paulistano sobre o Parque Dom Pedro II e seu entorno no presente, serão obtidas replicações de que o mesmo configura-se como um espaço de trânsito, algo fundamentado, sobretudo, diante da apropriação atual que se faz desse ambiente que comporta uma estação de metrô, além de um dos maiores terminais municipais de ônibus de São Paulo, com linhas que conectam a parte central da cidade as quatro zonas que demarcam seu território. Ademais, o Parque Dom Pedro II, é cortado por um significativo conjunto de viadutos¹, que interligam a região leste ao centro, bem como as zonas sul e oeste da capital paulista. A violência e a degradação² também são características comuns atribuídas ao local, diante da relevante presença de moradores de rua, traficantes e usuários de drogas e ocorrência de assaltos, além do acúmulo de resíduos derivados da intensa atividade comercial estabelecida nas adjacências e do rio Tamanduateí e da má conservação da área verde e dos edifícios que compõe seu espaço.³

Contudo, na localidade onde foi instalado, denominada anteriormente à sua inauguração Várzea do Carmo⁴, durante um longo período, inclusive nas primeiras décadas

^{*} Universidade Federal de São Paulo, mestrando em história, apoio Fapesp

¹No final da década de 1960, durante a gestão de Faria Lima, uma série de obras viárias foram implantadas no espaço em que o Parque Dom Pedro II estava estabelecido, transformando esta área até então de permanência, em um espaço efêmero, de transição. Segundo Rosa Kliass, "A ligação da Radial Leste com a Praça Clóvis Bevilacqua compunha uma série de obras viárias que seriam executadas na época. Entre essas obras estavam à continuação da Avenida do Estado, que passava pelo centro do Parque, junto ao canal do Tamanduateí; o viaduto 25 de Março, para unir os dois segmentos da Avenida Rangel Pestana por meio de rampas auxiliares e permitir ligações em desnível com as avenidas perimetrais ao Parque; o viaduto Mercúrio, que partia do viaduto 25 de Março e ligava-o à antiga Avenida Ana Rosa e o viaduto Diário Popular, que cruzando a Avenida do Estado, atrás do Palácio das Indústrias, desembocava no início da Avenida Mercúrio. Também foram construídos o viaduto 31 de Março, cortando a mesma Avenida do Estado no extremo sul do Parque, e o viaduto Glicério que promovia as ligações oeste-leste com a Radial Leste e possuía uma série de rampas auxiliares" (KLIASS, 1993:130). Ver também em "Parque D. Pedro será urbanizado". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p.16, 04 abr. 1968 e "Três arrojados viadutos em formato de cruz vão surgir na região do Glicério", *Folha da Manhã*, São Paulo, p.08, 13 nov. 1968.

²Ver em: "Em São Paulo", *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.05, 25 mar 1974 e "Região sofre degradação há quase 70 anos", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 jun. 2008.

³Ver em: "O retrato do abandono", *Jornal da Tarde*, São Paulo, p.05, 02 jul. 2007 e "O caminho de assaltos no centro", *Jornal da Tarde*, São Paulo. p.08, 01 fev. 2010.

⁴ Em fins do XIX, essa região também obteve importante papel na difusão do esporte na capital paulista, sendo uma das primeiras a sediar jogos de futebol. O termo "futebol de várzea" oriundo das partidas que se desenvolviam em seu espaço (FERREIRA, 2008: 31).

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

após sua abertura, a região foi referência de espaço de lazer e sociabilidade, como apontado por Rosa Grená Kliass, na obra **Parques Urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade:**

Um Termo de Vereança produzido no final do século XVIII aponta que desde esse período na região da Várzea do Carmo, local em que se instalou o Parque Dom Pedro II, existem indícios do desenvolvimento de atividades recreativas (...) Nas primeiras décadas do século XIX, documentos da Câmara revelam que, sobretudo, durante o verão, a população paulistana costumava banhar-se nas águas do Rio Tamanduateí, localizado nessa região. No entanto, essa atividade acabou sendo proibida na segunda metade deste século, sendo severamente reprimida pelas autoridades locais (...) A implantação do primeiro parque na Várzea do Carmo ocorreu também no século XIX, durante o governo João Teodoro, denominado Ilha dos Amores, este era coberto por jardins e possuía instalações para banho, mas acabou abandonado em decorrência da obstrução do canal que o separava da Rua 25 de Março para dar lugar ao Mercado de Peixe. (KLIASS, 1993, p.112-114).

Na década de 1910, durante o período em que Raimundo Duprat esteve à frente da Prefeitura de São Paulo, o engenheiro-paisagista francês Joseph Bouvard foi convidado para avaliar os planos de melhoramentos urbanos e viários da cidade e acabou elaborando um projeto para criação de um grande parque na região da Várzea do Carmo, no entanto, a execução desse projeto, que ficou a cargo do arquiteto-paisagista E.F. Cochet, teve início apenas na gestão seguinte, quando Washington Luís se tornou prefeito da capital paulista⁵ (KLIASS, 1993: 114). O desfecho da obra e a escolha do nome⁶ Dom Pedro II, homenagem ao Centenário da Independência do Brasil, ocorreu no início da década de 20, quando o prefeito da cidade era Firmiano de Morais Pinto (KLIASS, 1993: 120). Após a entrega da obra, Kliass ressalta que alguns elementos previstos no projeto não foram executados, entre eles, a implantação de espaços e equipamentos esportivos e a conclusão do ajardinamento, que na sua visão poderiam ter assegurado a permanência do parque para o desfrute do lazer ativo e contemplativo, tendo em vista que essas apropriações da área contribuiriam para a constituição de um vínculo com a população⁷ (KLIASS, 1993:120-125).

⁵ O arquiteto Carlos Augusto da Costa Niemeyer coloca que o desenvolvimento da obra estava baseada em dois objetivos: higiene urbana e remoção dos núcleos marginalizados da população que ali habitava (NIEMEYER, 2005:83).

⁶ Escolha do nome Parque Dom Pedro II ocorre de acordo com a lei municipal 2360 de 04 de fevereiro de 1921.

⁷Levantamento de patrimônio da Prefeitura na Várzea do Carmo, encaminhado, em 1916, pelo prefeito Washington Luis, aponta que essa área seria dividida da seguinte forma: 451.800 m2 seriam destinados para a implantação do Parque Dom Pedro II, incluindo-se ai os terrenos do quartel da guarda cívica e do Palácio das Indústrias; 96.443,50 m2 seriam consumidos pelo arruamento do sistema viário e 90.899,95 m2 seriam distribuídos em lotes para comercialização. Desta maneira, embora empenhada na valorização dos terrenos do entorno de onde se estava erguendo o "Parque", a Prefeitura encontrou dificuldades em sua valorização e comercialização, provocando atraso e reformulações na obra em função de falta de verba, bem como o desenvolvimento de outras estratégias para sua efetivação , sendo cogitada a concessão de lotes do local em troca

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

3

Antes da implantação de um parque urbano na Várzea do Carmo, outras apropriações, bem como distintas edificações já haviam sido erigidas e suprimidas daquele ambiente, notando-se atualmente em seu panorama construções ligadas a diferentes temporalidades⁸, além de resquícios de áreas verdes. Assim sendo, a julgar pela experiência desse fragmento do território da Paulicéia, compreende-se a cidade não como um denominador comum, mas, como, um amálgama de temporalidades, um espaço multifacetado e em contínua reinvenção, modificando-se ininterruptamente no presente tendo por horizonte o passado e o futuro (PESAVENTO, 2005:14).

Diante do complexo jogo temporal que pode ser identificado nos elementos que constituem a paisagem urbana, contudo obscuro a significativa parcela da população em seu cotidiano, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, enfatiza a relevância de reabilitar no tempo presente o passado material e imaterial da cidade, aspirando um resgate da alteridade contemplada em suas representações espaço-temporais, bem como à emergência de um reconhecimento ou a manutenção de um vínculo identitário entre o citadino e a cidade (PESAVENTO, 2005: 9-14). Isto é, para a autora, habitar a cidade e possibilitar o exercício da cidadania, implica dotar seus habitantes do direito de usufruir diversos tempos, tendo vultoso papel neste processo o uso da história e da memória o premitirem a significação do

de serviços (KLIASS, 1993). Niemeyer, assim como Kliass, enfatiza que as modificações e consequente entrega incompleta do Parque Dom Pedro II, estava atrelada a problemas de financiamento, todavia, também ressalta que a supressão de alguns dos equipamentos que seriam implementados estava associada ao forte preconceito contra o lazer operário que poderia se consolidar naquele espaço, motivado, sobretudo, pela proximidade de bairros operários como Brás (NIEMEYER, 2005:85).

⁸Paul Ricoeur, na obra **A memória, a história, o esquecimento,** expressa que uma cidade contrapõe no mesmo ambiente diversas temporalidades, permitindo observar simultaneamente em seu espaço, inscrita e sedimentada, uma história multicultural (RICOEUR, 2000:187). Dessa forma, ao observarmos a atual composição do Parque Dom Pedro II, identificamos para além do terminal de ônibus, do metrô e dos inúmeros viadutos, edificações como o Palácio das Indústrias, construído entre 1911 e 1924 pelo Escritório Ramos de Azevedo, que ao longo de sua existência foi apropriado de distintas maneiras, sendo centro de exposições, delegacia de polícia, Assembleia Legislativa, Prefeitura e, desde 2007, abriga o Museu Catavento, e o edifício hoje conhecido como 2° Batalhão dos Guardas, que em quase dois séculos fora sede da Chácara Fonseca, Seminário de Educandos, Seminário de Educandas, Hospício dos Alienados, Almoxarifado e Quartel da Guarda Cívica, nome esse que depois passou a ser 7ª Companhia de Guardas do II Exército e finalmente 2°Batalhão de Guardas. Desde que deixou de funcionar devido à precariedade de seu estado de conservação, o conjunto vem sendo utilizado como estacionamento do 3° Batalhão da Polícia de Choque, contudo, seu aspecto ainda resguarda traços arquitetônicos de diferentes temporalidades, evidenciando que por meio de investigações de elementos que compõem a cidade, dentre eles, as edificações, depreende-se seu espaço saturado de discursos imagéticos e simbólicos.

⁹Pesavento, salienta, que "a história subordina a memória, valendo-se desta como objeto e campo de ação" (PESAVENTO, 2005:10). Desse modo, durante a construção da narrativa histórica, a autora coloca que a história retrabalha a memória "preenchendo lacunas, dando voz aos silêncios, revelando sentidos", e, por fim, concebendo um discurso explicativo sobre o tempo. (PESAVENTO, 2005:14-15).

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

espaço, assim como a restauração de elementos porventura olvidados (PESAVENTO, 2005: 14).

Isto posto, compreende-se que o tempo transcorrido acarreta na corrosão de elementos situados no espaço urbano, tornando-os, em algumas circunstâncias, imperceptíveis e irrecuperáveis, perante as práticas de apropriação do território que modificam não apenas a estética da cidade, mas também sua funcionalidade, incumbindo-se, assim, a história e a memória, de "despertar olhares" e reflexões, bem como representações imagéticas e discursivas, intentando preencher as possíveis ausências do espaço transformado (PESAVENTO, 2005: 11-15). Contudo, tais representações, longe de comporem uma uniformidade ou integralidade sobre o espaço urbano, devem permitir que se depreenda a multiplicidade que o constitui, diante da variedade de experiências articuladas pelos atores sociais inseridos na trama da cidade (GUIMARÃES NETO, 2006:155):

Os espaços, assim, longe de serem homogêneos e vazios, aparecem impregnados de significados simbólicos, seja no ambiente urbano – no bairro, na rua ou no interior das habitações –, seja numa rede de relações exteriores que estabelecem com outros territórios (étnicos, culturais, políticos) e os situam numa dada configuração de poder. Nesse sentido, os espaços não são anteriores às práticas que os produzem; pelo contrário, são elas, as práticas, que lhes conferem significados. (GUIMARÃES NETO, 2006:150).

Evocar e socializar a memória das cidades nas sociedades além de ser tarefa de historiadores, arquitetos e geógrafos, está a cargo de dispositivos do Estado e da mídia. Tendo em conta a ampla influência destes organismos no meio social, assim como o impacto das projeções e representações perpetuadas em seus discursos, dotados de intencionalidade e, por conseguinte, implicando em seleções de lembranças e esquecimentos, diversos elementos que permitiriam descortinar outras expressões relevantes na composição da tessitura da cidade acabam suprimidos. Assim sendo, entende-se que para além de uma possível cristalização de uma memória, tendo em vista o alcance das iniciativas propagadas por esses setores na

¹⁰Segundo Sandra Pesavento, "a memória é, por definição, uma luta contra o esquecimento", estando sujeita a uma contínua flutuação nos distintos momentos em que é articulada, quando defronta-se com o tempo, na tentativa de preservar os registros (PESAVENTO, 2005:15). Desta maneira, assim como pontuado por Tzvetan Todorov, em **Los Abusos de la Memória, e** Michael Pollak, em **Memória e Identidade Social,** a memória é, impreterivelmente, uma seleção, sendo o restabelecimento integral do passado por meio desta inverossímil, diante de suas manifestações oscilantes. (POLLAK, 1992:4-5); (TODOROV, 2000:15-16). Entretanto, de acordo com Pesavento, mesmo flutuante, a memória, dotada de historicidade, "ligada às tradições", "ao mundo das coisas ditas", é primordial para o resgate do passado das cidades, ou seja, para compreensão das permanências e transformações denotadas no espaço urbano no decorrer do tempo (PESAVENTO, 2005:11).

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

5

sociedade, o estabelecimento de diálogos com especialistas e com a população para se debater e formular ações visando à recuperação, a ampliação e a preservação dos registros acabam geralmente não se difundindo, podendo atravancar, consequentemente, a possível emergência de novas contribuições para formação da identidade do citadino¹¹.

Portanto, tendo como referência o território da cidade, compreende-se que as manifestações de memória conscientes e inconscientes produzidas individualmente pelos sujeitos, bem como coletivamente pelos variados grupos que habitam seu espaço, estão em um constante processo de construção, isto é, a memória concebida não é estática, estando propensa a reformulações e novas expressões, configurando-se como um fenômeno em disputa e produtor de seleções (POLLAK, 1992:204-205). Logo, apesar das representações que atualmente prevalecem sobre o Parque Dom Pedro II, perante a memória construída sobre este espaço no tempo presente, entende-se que tais perspectivas evidenciam apenas uma possibilidade de interpretação, sendo factível assimilar em sua paisagem indícios que remetem a outras temporalidades, indicando a coexistência entre o passado e o presente. Assim, tanto a partir de uma observação mais aprimorada, quanto por meio do contato com outras manifestações sócio-culturais, a memória é concebida, transformada, perpetuada e obliterada, encontrando-se em permanente movimentação.

Em suma, tendo em conta as contribuições das operações de memória, além de sua importância na construção simbólica da paisagem da cidade e na identidade do citadino, buscaremos por meio da análise da trajetória do Parque Shanghai, equipamento de diversão surgido na década de 1930 na cidade de São Paulo¹² num contexto de efervescência do lazer¹³, revelar as múltiplas manifestações emergidas sobre o mesmo, inicialmente instalado

¹¹ Ainda que seja notória a dimensão da influência no meio social do Estado e da mídia, eclodem no território da cidade constantemente manifestações, expressões e práticas de resistência de distintos grupos sociais, configurando-se a urbe, como um espaço de conflito (GUIMARÃES NETO, 2006:149).

¹²O Processo 172440 de 24/11/1953, aberto por Enrique Pio Gaspar Zaragueta, herdeiro de Gaspar José Luis Zaragueta, junto à Municipalidade de São Paulo, indica que o Parque Shanghai iniciou sua atividade na cidade de São Paulo em 1934. No interior da Capital Paulista, há indícios de que o Shanghai também funcionou desde a década de 1930, estando presente na Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes, em 1936, na cidade de Campinas, (CORREIO PAULISTANO, 23/12/1936: 11) e na Exposição-Feira Agropecuária e Industrial ocorrida em Ribeirão Preto, no mês de fevereiro de 1937 (CORREIO PAULISTANO, 07/02/1937).

¹³Compreende-se o período em que o Parque Shanghai foi inaugurado na capital paulista como efervescente no âmbito do lazer, tendo em vista as graduais conquistas no campo do trabalho, bem como os debates configurados na esfera sócio-política a respeito de sua regulamentação, além do crescimento da demanda por novos espaços para a fruição diante da vertiginosa expansão da cidade.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

6

em eventos efêmeros sediados em distintas porções da cidade, inclusive no Parque Dom Pedro II, tornando-se um espaço de lazer fixo deste território de meados da década de 1940 até o final da década de 1960.

O Parque Shanghai

Criado pelo espanhol naturalizado argentino Gaspar José Luis Zaragueta¹⁴ na década de 1930, o Parque Shanghai, inicialmente itinerante, emergiu como atração de feiras, exposições e eventos comemorativos que ocorriam no país neste período. Um anúncio publicado no Jornal **A Noite** destaca sua ampla presença no território brasileiro:

A sua presença na grande exposição do Cinquentenário da Imigração Italiana, nas Feiras de Amostras do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, nas cinco Feiras Nacionais de Indústrias em São Paulo, nas Festas de Mocidade de Recife, Bahia, São Paulo, nos principais festejos e comemorações do Brasil, demonstram sua perfeita organização, capacidade e preferência. 100 aparelhos modernos em diversos conjuntos, pelo Brasil, para divertir o nosso povo ("100 divertimentos para divertir o povo à vontade", IN: Jornal A Noite, 25/05/1953).

Após integrar inúmeros eventos no Brasil, o Parque Shanghai adotou unidades fixas em algumas cidades do país, entre elas, Curitiba, Recife, Rio de Janeiro¹⁵, e São Paulo. Contudo, apesar de se verificar sua vasta atividade pelo território brasileiro, o recorte estabelecido se detém ao seu percurso na Paulicéia. Destarte, por meio de fontes como notícias de jornais, negociações contratuais com a Municipalidade, ofícios produzidos por instituições que estabeleceram parcerias e testemunhos de freqüentadores, intentaremos reconstituir e problematizar as diversas produções de memória concebidas sobre a unidade paulista, procurando evidenciar que a constituição de sua trajetória é fruto de operações de distintos atores, grupos e órgãos que ocupam posições específicas no meio social, embora em contínua relação, sendo incongruente reduzir e cristalizar as impressões formuladas sobre o mesmo a manifestações de memória particulares. Ademais, as representações concebidas sobre o Parque Shanghai, trazem à luz representações sobre o espaço urbano, demonstrando

¹⁴Empreendedor do setor do lazer, Gaspar José Luis Zaragueta era proprietário dos parques Retiro e Rodó, localizados em Buenos Aires e Montevidéu respectivamente. Zaragueta, que definia o lazer como dinâmico, diante da ânsia do público pela novidade, costumava viajar por diversos países, sobretudo da América e da Europa, em busca de novos equipamentos mecânicos e ideias de atrações para oferecer em seus parques (CORREIO PAULISTANO, 22/07 1937:.5); (FOLHA DA MANHÃ, 16/05/1952: 9). Faleceu, em Barcelona, em 1952, aos sessenta anos de idade. (FOLHA DA MANHÃ, 17/08/1952: 2).

¹⁵ Inicialmente na região da Quinta da Boa Vista, o Shanghai, foi transferido para o bairro da Penha, em 1958. Segundo o **Jornal Diário da Noite**, o Parque Shanghai foi removido da Quinta da Boa Vista devido à implantação de um projeto de remodelação urbana naquele local. (DIÁRIO DA NOITE, 14/08/1958:2).

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

7

que o território da cidade está em permanente metamorfose, assim, este equipamento de diversões que surgiu e desvaneceu no Parque Dom Pedro II, é um retrato da multiplicidade de apropriações desenvolvidas naquele ambiente no decorrer do tempo, passando de espaço de permanência, sociabilidade e lazer a espaço de passagem, articulação viária e degradação:

Na Capital paulista, há mais razões ainda para a nostalgia, para a lenta agonia do circo: o Parque Dom Pedro II, que era um grande bosque, o "pulmão" da cidade, tempos atrás era tomado pela criançada que ia ver os leões do Grande Circo Norte Americano. Mas o Parque Shangai não existe mais: foi tragado pela selva de viadutos e ruas de asfalto em que se transformou o Parque Dom Pedro II ("Em São Paulo", IN: Folha de São Paulo, 25/03/1974: 5).

As matérias publicadas nos jornais Folha da Manhã, Correio Paulistano e Jornal de Notícias evidenciam os inúmeros eventos em que o Parque Shanghai esteve presente enquanto era itinerante, assim como as distintas atrações ocorridas em seu espaço após sua fixação na Avenida do Estado, esquina com a Rua da Mooca e Avenida Prefeito Passos, próximo a Rua Glicério, no Parque Dom Pedro II (PROCESSO 97200, 24/05/1961). Dessa forma, em 1937, notícia publicada no jornal **Correio Paulistano** que destacou uma viagem do proprietário a Paris para aquisição de equipamentos salientou a presença do Parque Shanghai na Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Imigração Oficial, realizada no Parque Dom Pedro II (CORREIO PAULISTANO, 23/07/1937: 9):

Segue hoje para Paris o Sr. Gaspar Zaragueta, director-proprietário do grande parque de diversões que está funccionando no recinto da exposição commemorativa do cinquentenario da immigração oficial, no Parque D. Pedro II. O Sr. G. Zaragueta que ha mais de cinco annos dedica suas actividades commerciaes em nosso paiz, realiza a actual viagem com o intuito de adquirir novas diversões destinadas ao publico brasileiro. Deve-se ao Sr. G. Zaragueta a apresentação ao nosso publico das mais modernas diversões como o "Water Shoot", "Autodromo", "Looping the Loop", "Bicho da Seda", "Dangler" e uma infinidade de outras que estão obtendo o maior successo no actual certame paulista ("Grande Exposição de São Paulo", Correio Paulistano, São Paulo, p.09, 23 jul 1937).

No início da década de 1940, o jornal **Folha da Manhã**, publicou que o Parque Shanghai tornou-se atração de eventos como a Feira Nacional de Indústrias, ocorrida no bairro da Água Branca, e dos festejos de carnaval promovidos na "Cidade da Folia" ¹⁶, no Parque Antarctica:

¹6No fim dos anos 30 a Companhia Antarctica passou a promover concursos carnavalescos no Parque Antarctica, instituindo ali a "Cidade da Folia". Para os sambistas da época, esse espaço tornou-se o principal centro de atividades do carnaval paulistano, tanto que algumas rádios chegaram a promover ou a ajudar os festejos ocorridos neste local. http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/sons_da_velha_metropole.html. Acesso em 07 de maio de 2014. Outras instituições se envolviam também com o carnaval de São Paulo naquela época, entre elas, as Grandes Indústrias Minetti-Gamba, produtora de farinha, sabão e óleo, que promovia seus produtos

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

8

Amanhã, um domingo grande dentro das grandes realizações do carnaval paulista deste ano, novos bailes e novas festas, especialmente para crianças, esses foliõezinhos denodados que não querem perder sua oportunidade de brincar. Lá na "Cidade da Folia", uma cidade dentro da cidade de São Paulo, a garotada terá à sua disposição, gratuitamente, o Parque Shangai ("Uma semana, apenas!", Folha da Manhã, São Paulo, p.02, 15 fev.1941).

Em 1945, por meio de um alvará de funcionamento concedido pelo Prefeito Abraão Ribeiro e patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira se instalou a Grande Exposição Agrícola-Industrial e Comercial, às margens do Rio Tamanduateí, ocupando parte do Parque Dom Pedro II (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949:16). Pouco tempo depois, anexo a esta feira, os equipamentos do Parque Shanghai tornaram-se uma das atrações (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949:5).

Permanecendo no local após o término da exposição, na década de 1940, o Shanghai, promoveu uma série de eventos, consolidando-se não apenas como parque de diversões fixo, mas também como um recinto de cultura. Diversos jornais divulgaram as apresentações de artistas como Grande Othelo, Adoniram Barbosa, Ataulfo Alves, Pagano Sobrinho e de companhias circenses nacionais e internacionais que aconteceram em suas dependências (FOLHA DA MANHÃ, 1954); (FOLHA DA MANHÃ, 1957).

Outro aspecto realçado nos periódicos são as ações filantrópicas promovidas pelo idealizador do Parque Shanghai, dentre elas, a concessão de renda para hospital infantil (CORREIO PAULISTANO, 1937) e o apoio a uma campanha de alimentação fornecendo parte de sua estrutura para o desenvolvimento da mesma (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1948). Outrossim, salienta-se a parceria na promoção de uma campanha entre o Shanghai e a Entidade Bandeira Paulista Contra a Tuberculose após um conflito com a Municipalidade que acarretou em um período de inatividade :

Hoje o Parque Shangai fará sua reabertura (...) Fazendo funcionar todos os seus divertimentos e no palco do auditório dar-se-á a apresentação da conhecida dupla radiofônica Ouro e Prata e cômico Fasolim, do Cartório de Protestos. (...) Prestigiando a campanha que vem encetando a "Bandeira Paulista Contra a Tuberculose" a direção do Shangai resolveu destinar a renda integral da função de hoje em beneficio dessa instituição ("Reabertura hoje do Parque Shangai", Jornal de Notícias, São Paulo, p.04, 28 jan. 1950).

Ademais, nos jornais foram destacadas celebrações concebidas por entidades privadas, como as "Festas Joaninas" promovidas pela Associação Portuguesa de Desportos (FOLHA

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

DA NOITE, 1948), as "Festas do Jornaleiro" organizadas pelo Grupo Folha em benefício de seus funcionários e parentes (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963), e as festas elaboradas pela empresa Casa Anglo Americana S.A., popularmente conhecida como "Mappin", também com a finalidade de entretenimento de sua equipe e seus familiares (FOLHA DE SÃO PAULO, 1964).

Contudo, além de retratarem o Parque Shanghai como promotor cultural, filantrópico e espaço de eventos privados, os periódicos da época, especialmente, o Jornal de Notícias, destacou a incidência de conflitos que se desenvolveram em seu interior, dentre eles, jogatinas irregulares (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949:16) e atos de violência (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1951); (JORNAL FOLHA DA NOITE, 1947), bem como a cobrança de preços abusivos para se ter acesso às atrações oferecidas (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1947:12), além de divergências contratuais com a Prefeitura motivadas pelo não cumprimento de prazos de locação, (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949:16) e no que concerne ao valor que a empresa de diversões deveria destinar à Municipalidade para recuperação de uma área ocupada por alguns anos (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949:8). Não se pode deixar de frisar também as publicações que evidenciam uma remoção arbitrária conduzida pelo "Parque" de moradores de um terreno localizado próximo a sua sede pertencente ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, após alugá-lo tendo em vista uma possível reintegração de posse da área em que estava situado que competia à Prefeitura.

Verdadeira cena de vandalismo vem sendo praticada pelos proprietarios do Parque Shangai, que visando seu interesse imediato, determinaram a destruição imeadiata de "favela" existente na Rua Glicério, esquina da rua da Mooca, pondo em povorosa dezenas de famílias, que foram atiradas ao relento, de uma hora para outra e sem ter para onde ir ("Dezenas de famílias ficaram sem teto para dar lugar ao Parque Shangai", Jornal de Notícias, São Paulo, p.10 20 jul. 1949).

As negociações contratuais desenvolvidas com a Municipalidade possibilitam para além da compreensão de prazos e valores de locação, da dimensão da área em que estava instalado¹⁷, dos dias em que operava¹⁸, do número de funcionários¹⁹ e dos encargos tributários

¹⁷ O Ofício 172440 encaminhado pelo Parque Shanghai ao poder público em 24/11/1953 indica que o terreno alugado pelo Parque Shanghai pertencente à Municipalidade era de aproximadamente 8.866,84 metros (Ofício 172440, 24/11/1953).

¹⁸ O Ofício 172440 enviado pelo Parque Shanghai a Prefeitura em 24/11/1953 relata que suas atividades eram restritas aos finais de semana e feriados (Ofício 172440, 24/11/1953).

¹⁹O Ofício 172440 expedido pelo Parque Shanghai a Municipalidade em 24/11/1953 revela que trabalham em caráter efetivo 14 funcionários, entre técnicos, mecânicos e administradores. Contudo, nos dias em que o Parque

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

10

e fiscais²⁰, como o selo de diversões públicas, a apreensão das representações concebidas pelo Parque Shanghai no que tange à sua relevância enquanto espaço de lazer da Capital Paulista. Desta Maneira, por meio de um ofício encaminhado por seus representantes a Prefeitura em novembro de 1953, mobilizando dados numéricos e analisando o panorama de opções de divertimentos públicos da Paulicéia, o "Parque" busca justificar a importância de sua manutenção no terreno em que estava situado após ser notificado para desocupar o mesmo:

Numa cidade como São Paulo, com quasi 3.000.000 de habitantes, que excluídos os cinemas e o foot-bal, praticamente não possue divertimentos populares ao ar livre, é inegavelmente o "Parque Shanghai" uma das atrações preferida pelo povo, tanto que de 1° de janeiro a 15 de novembro do corrente ano a sua frequencia foi de 603.962 pessôas oficialmente comprovados pelo recolhimento dos tributos municipais e estaduais (Ofício 172440, 24/11/1953).

Outros documentos reforçam tais representações, dentre eles, o processo Nº 97.200, de maio de 1961, e o processo N° 112.252, de junho de 1966, que tratam, respectivamente, de uma ação contra a Municipalidade motivada por um despacho exarado no processo N° 75.724, de 1955, que determinava a cobrança de uma "taxa de ocupação" pautada no valor venal do imóvel, abusiva no entendimento da "Empresa de Diversões" (PROCESSO 97200, 24/05/1961), e de um pedido ao Departamento Patrimonial para reexaminar o reajuste do aluguel do terreno de 379.000 para 550.000 Cruzeiros diante da dificuldade do Shanghai em arcar com o pagamento, considerando a queda da frequência surtida da facilidade e maior qualidade de espetáculos transmitidos pela televisão, bem como do aumento do preço dos bilhetes fundamentado no encarecimento dos materiais necessários a manutenção de seu funcionamento (PROCESSO 112.252, 06/1966). O processo 97.200, assim como o ofício 172.440, produzido oito anos antes, ressaltou que a cidade se ressente da falta de espaços e atividades de diversões, porém, atribuindo maior ênfase naquele momento ao prejuízo do público infantil, sendo o parque de diversões um meio seguro para recreação inocente e atrativa, que contribui ao desenvolvimento físico e ao arejamento espiritual da criança (PROCESSO 97200, 24/05/1961). No processo 112.252 ao mobilizar uma série de argumentos para convencer o poder público a não reajustar o preço do aluguel do terreno, os

estava aberto ao público, mais de 130 funcionários operavam como bilheteiros, porteiros, fiscais, etc. (Ofício 172440, 24/11/1953).

²⁰O Ofício 172440 encaminhado pelo Parque Shanghai a Prefeitura em 24/11/1953 aponta que a contribuição anual da empresa de diversões aos cofres municipais, estaduais e federais é de aproximadamente um milhão de cruzeiros (Ofício 172440, 24/11/1953).

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

11

representantes do Shanghai salientam que por serem o "maior parque de diversões de São Paulo" seus encargos também são de grande vulto, desse modo, o aumento tornaria insustentável sua permanência, pois os valores dos ingressos já ajustados em função de outros motivos, como os expostos acima, sofreriam novas alterações:

A aumentar-se na mesma proporção os preços dos bilhetes de ingressos, chegariamos a niveis que reconhecemos insuportáveis para o público que procura breves momentos de distração saudavel para o alívio da tensão do trato diário. Com isso, chegar-se-ia ao debacle inevitavel (PROCESSO 112.252, 06/1966).

A julgar pelas distintas contribuições a entidades e campanhas de solidariedade surgidas na cidade de São Paulo divulgadas nas publicações dos jornais e fundadas nos ofícios produzidos pelas instituições Legionários Cruzeiro do Sul, Comando do Batalhão Policial da Força Pública, Bandeira Paulista Contra Tuberculose, Associação dos Sanatórios Populares Campos do Jordão de Combate a Tuberculose e Associação Paulista de Combate ao Câncer, compreende-se não apenas a configuração da atuação filantrópica do Parque Shanghai, mas também a exaltação de distintos setores da sociedade a respeito dessa representação.

Destarte, os documentos evidenciam que a Empresa de Diversões cooperou com as entidades através de cessão de renda:

Na qualidade de presidente da Bandeira Paulista Contra a Tuberculose tenho a grata satisfação de vir a sua presença para apresentar-lhe os mais sinceros agradecimentos por ter dedicado á nossa Instituição o dia inaugural do Parque Shangay e a sua renda bruta (...) Donativos como esses é que nos encorajam a prosseguir na obra que iniciamos em prol dos tuberculósos pobres e que merce de Deus vem sendo cumprida graças a colaboração dos espíritos bem formados (BANDEIRA PAULISTA CONTRA A TUBERCULOSE, 31/01/1950).

Ademais, revelam que a doação de um leito no valor de 20 mil Cruzeiros para Associação dos Sanatórios Populares Campos do Jordão de Combate a Tuberculose também foi uma de suas atividades benevolentes:

É como o mais vivo entusiasmo e satisfação, que registramos o altruístico e cooperador gesto de V.S. doando a esta Instituição um leito no valor de Cr.\$ 20.000,00 (Vinte Mil Cruzeiros), dando de entrada 3.000,00 e mais 17 prestações mensais de 1.000,00 conf. n/ recibo n° 2006 Série A., em 6 de março do corrente, o que muito nos vem auxiliar e estimular no prosseguimento de nossas atividades de assistência em larga escala, aos tuberculosos desamparados em nossa terra (...) Comunicamos a V.S. que isso veio dar ensejo a colocarmos o respeitavel e tradicional nome de sua pessoa, no ról dos nossos "SOCIOS BENEMÉRITOS", doadores de leitos (ASSOCIAÇÃO DOS SANATÓRIOS POPULARES CAMPOS DO JORDÃO DE COMBATE A TUBERCULOSE, 17/03/1952).

Outra doação registrada foi a Associação Paulista de Combate ao Câncer, incluindo a instalação de uma urna no "Parque" visando elevar a captação de recursos para a mesma:

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

12

A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE COMBATE AO CÂNCER, acaba de registrar com satisfação o generoso donativo feito por V.S. à campanha de fundos desta Entidade, da quantia de Cr.\$ 1.000,00 (MIL CRUZEIROS), - bem como a colaboração prestada, permitindo o deposito de uma nossa URNA, no recinto do Parque Shangai, durante o mês de Abril, na qual foi apurada a quantia de Cr.\$ 770,80 (SETECENTOS E SETENTA CRUZEIROS E OITENTA CRUZEIROS) (...) É-nos grato reiterar a V.S. os nossos mais respeitosos cumprimentos, bem como antecipar a profunda gratidão dos portadores de Câncer, que encontrarão arrimo em nossa organização, a qual graças aos espíritos humanitários como o de V.S. será dentro em breve uma vitoriosa realidade (ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE COMBATE AO CÂNCER, 10/05/1951).

Além de donativos em dinheiro, o Parque Shanghai subvencionou aparelhos de diversões aos Legionários Cruzeiro do Sul e ao Comando do Batalhão Policial da Força Pública:

- I- É com grande satisfação que êste Comando agradece a vossa cooperação em ter montado nêste quartel, os brinquedos: aviões e marrequinhos, gesto esse, que veio proporcionar à petizada um ambiente alegre e festivo.
- II- Certo de contar também, com tal colaboração no próximo ano, firmo o presente, desejando a V.S. e distinta família, boas festas e Feliz Ano Novo (COMANDO DO BATALHÃO POLICIAL DA FORÇA PÚBICA, 25/12/1951).

Os testemunhos de frequentadores do Parque Shanghai e de habitantes da capital paulista que estabeleceram alguma relação com o mesmo no período em que estava ativo, são pertinentes à construção da memória sobre este recinto de diversões, oferecendo vestígios que permitem a conformação de uma análise abrangente, que frisa desde suas atrações mecanizadas²¹, pitorescas²² e eventos festivos que sediou²³, até boatos de desaparecimento em suas dependências:

_

²¹Os frequentadores Luiz Haroldo do Espírito Santo e Eduardo Britto fazem menções às atrações mecanizadas do "Parque", enquanto o primeiro destaca a "temida montanha russa de madeira" e a dose de coragem necessária para enfrentá-la (AZEVEDO, C; BELTRÃO, T; SCHLEUNER,P, 2008: 91), o segundo relembra os "carrinhos que andavam em uma pista, em fila indiana, e subiam e desciam" (AZEVEDO, C; BELTRÃO,T; SCHLEUNER,P, 2008: 92).

²² Entre as atrações pitorescas do Parque Shanghai destaca-se uma boneca. As frequentadores Mariana Capobianco e Ivette Moreira salientam as peculiaridades da mesma, que além de alta, tornou-se marcante por sua maneira de rir e por sua forma física. "No Parque Shangai tinha uma boneca enorme, de uns três metros de altura, bem gorda, com uma bolsinha pendurada no braço, que dava gargalhadas engraçadíssimas" (AZEVEDO, C; BELTRÃO,T; SCHLEUNER,P, 2008: 91). "Quantas vezes fui ao Parque Shangai levada pelos meus pais? Em muitas ocasiões o dinheiro dava só para entrar e comer uma pipoca, mas já era a glória! Então ficávamos vendo as pessoas se divertirem e nós também nos divertíamos muito, rindo na frente daquela "mulher gorda que gargalhava" (AZEVEDO, C; BELTRÃO,T; SCHLEUNER,P, 2008: 150).

²³Em junho de 1954, o antigo frequentador do Parque Shanghai, Mário Lopomo, revela: "fui lá motivado pela festa junina que a Portuguesa de Desportos fazia todo ano, enquanto não tinha comprado o Canindé. Lá na festa da Portuguesa tinha a famosa "sardinhada", que só portugueses sabem fazer, e os famosos bolinhos de bacalhau" (AZEVEDO, C; BELTRÃO, T; SCHLEUNER, P, 2008: 92).

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

13

Certas coisas eram proibidas na minha vida de criança. Eu não podia ir para os lados da Rua Aurora, na Boca do Lixo, porque era o paraíso das drogas e da prostituição. Já a Major Quintino, na Boca do Luxo, era mais tolerada porque as casas noturnas estavam sempre fechadas durante o dia. Parque Shangai era um não e não, porque corria o boato que crianças desapareceram por lá (AZEVEDO, C; BELTRÃO, T; SCHLEUNER,P, 2008: 116).

As representações de memória sobre o Parque Shanghai além de revelarem impressões afetivas singulares conectadas a sua estrutura, signos, festividades e mitos, também permitem a assimilação de sua relevância simbólica para residentes da cidade de São Paulo enquanto elemento constituinte da paisagem urbana, como abordou Giseppe Oristini:

Sou um italiano que foi criado em São Paulo, precisamente no bairro do Ipiranga, na Rua Bom Pastor. Há muitos anos que voltei para a Itália, porém a lembrança de São Paulo da década de 1960 é sempre viva. A última vez que estive em São Paulo percebi que o Parque Shanghai desapareceu e fiquei muito triste. Apesar de ter viajado muito e feito muitas experiências, nada é tão fantástico quanto foi para mim o Parque Shanghai . (AZEVEDO, C; BELTRÃO, T; SCHLEUNER,P, 2008: 91).

Conclusão

Configurando-se como um espaço múltiplo, marcado por conflitos e disputas entre os distintos grupos sociais, sujeita a permanente transformação, reapropriações e ressignificações, a cidade, conforma-se como um colossal arquivo histórico e memorial, congregando em seu território elementos dotados de valores simbólicos e identitários que aludem a diversas temporalidades. No entanto, as pessoas que transitam por seu espaço, muitas vezes não percebem tais elementos como portadores de uma narrativa, tornando-se relevante estimular o aprendizado da história e da memória das cidades visando propiciar ou restabelecer sua significância e impedir o olvidamento. Sendo assim, por meio da investigação do Parque de Diversões Shanghai, intentamos trazer à luz as experiências que constituíram sua trajetória, tendo em vista sua relevância, sobretudo, enquanto espaço de lazer da capital paulista, além de rememorar e problematizar a configuração do Parque Dom Pedro II, local onde este se estabeleceu, caracterizado, assim como o espaço da cidade, por uma intensa metamorfose.

Bibliografia

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

14

AZEVEDO, C; BELTRÃO, T; SCHLEUNER, P. São Paulo minha cidade.com: mais de mil memórias – São Paulo: Prefeitura da cidade de São Paulo, São Paulo Turismo, 2008.

FERREIRA, J. F. A Construção do Pacaembu. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KLIASS, R. G. A. **Parques Urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade.** São Paulo: Pini, 1993.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A Cidade Simbólica: inscrições no tempo e no espaço.** Revista Estudos Ibero-Americanos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. XXXII, n.1, p.143-155, junho 2006. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/index. Acesso em: 27 jun. 2016

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. Do Velódromo aos Parques Infantis – paradigmas e contradições na produção social dos espaços lúdico em São Paulo, In: GITAHY, M. L. C. (Org). **Desenhando a cidade do século XX**. São Carlos: Rima/ Fapesp, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidade, Espaço e Tempo: Reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano.** Revista Cadernos do LEPAARQ Do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v.2, n.4, p.9-17, 2005.

Disponível em:

https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/893/873 . Acesso em: 27 jun. 2016.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-215, 1992. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941 . Acesso em: 27 jun. 2016. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

TODOROV, Tzvetan. Los abusos de la memória. Barcelona: Paidós, 2000

Processos

• Processo 97200. **Arbitramento de Aluguel**, 24/05/1961.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 - Unicamp, Campinas - SP

15

Processo 112.252, 06/1966.

Ofícios

- Bandeira Paulista Contra a Tuberculose. [Carta] 31 jan. 1950, São Paulo [para]
 ZARAGUETA, Enrique Pio Gaspar, São Paulo. 1f. Agradece apoio filantrópico do proprietário do Parque Shanghai.
- Associação Paulista de Combate ao Câncer. [Carta] 10 mai 1951. São Paulo [para]
 ZARAGUETA, Enrique Pio Gaspar, São Paulo. 1f. Agradece apoio filantrópico do proprietário do Parque Shanghai.
- Comando do Batalhão Policial da Força Pública. [Carta] 25 dez 1951. São Paulo [para] ZARAGUETA, Enrique Pio Gaspar, São Paulo. 1f. Agradece ao proprietário do Parque Shanghai a concessão de equipamentos.
- Associação Paulista dos Sanatórios Populares Campos do Jordão de Combate a Tuberculose. [Carta] 17 mar. 1952. São Paulo [para] ZARAGUETA, Enrique Pio Gaspar, São Paulo. 1f. Agradece apoio filantrópico do proprietário do Parque Shanghai.
- Ofício 172. 440 "Exmo. Snr. Prefeito Municipal de São Paulo". [Carta] 17 mar. 1952. São Paulo [para] Prefeito de São Paulo, São Paulo, 3f. Justificativa do proprietário do Parque Shanghai para sua manutenção no terreno em que estava situado após ser notificado para desocupar o mesmo pela Prefeitura.

Jornais

- Correio Paulistano
- Diário da Noite
- Folha da Manhã
- Folha da Noite
- Folha de São Paulo
- Jornal de Notícias
- Jornal da Tarde

Sites

http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx

http://acervo.folha.com.br/busca_detalhada/

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

16

 $http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/sons_da_velha_metropole.html.$

http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_20_30.htm